

# Dúvidas e impressões

## Contents

1	Teoria Sraffiana	1
2	Capítulo teórico	2
2.1	Modelos Neo-Kaleckianos	2
2.2	Supermultiplicador	3
2.3	Proposta de apresentação simplificada dos modelos de crescimento	3
3	Capítulo Fatos Estilizados	4
4	Capítulo Modelo	4

## 1 Teoria Sraffiana

- ☒ Seguindo o raciocínio de Amadeo (1986), fora do pleno-emprego, a economia não está operando sob a curva salário-lucro. Se isso estiver correto, para o modelo do supermultiplicador permitir que a distribuição seja determinada exogenamente por uma teoria sraffiana, se faz necessário que  $u_n = 1$  ou para  $u_n \neq 1$  (ex:  $u_n = 0.8$ ) isso ainda é válido?

**Lucas:** O Amadeo não está correto nesse ponto. Para operar sobre a curva salário-lucro é necessário que o grau de utilização seja normal. No modelo do supermultiplicador, esse grau ocorre independente de haver ou não pleno emprego.

Além disso, para a distribuição (entendida como wage-share e profit-share) ser determinada exogenamente não é necessário estar na curva-salário lucro. A curva salário lucro representa uma relação entre salário real e taxa real de lucro. Um exemplo disso, é o modelo kaleckiano. As parcelas distributivas são exógenas (determinadas pelo mark-up), mas a economia não opera em cima da curva salário-lucro, pq a taxa de lucro é endógena (e qualquer uma, determinada pelos **gastos dos capitalistas**).

Esse é o tema daquela aula do curso de macro que compara os diferente fechamentos. Uma boa bibliografia para isso é a dissertação de mestrado do Franklin (já te passei?)

**Gabriel:** Me interessei, irei ler.

- ☒ Pelo pouco que li sobre a teoria de Sraffa, o lucro é a variável independente que não é determinada pelos preços relativos nem pela esfera da produção, mas sim por outros determinantes tal como a taxa de juros. Se isso estiver correto, a negação do paradoxo dos custos (entendido como uma redução do *mark-up* gerar aumento na massa de lucro) é uma consequência lógica se adotar uma abordagem sraffiana? Em outras palavras, se a determinação dos lucros não depender dos preços, o paradoxo dos custos deixa de ser paradoxal?

**Lucas:** Essa é uma das interpretações da teoria do Sraffa, seguida pelo Pivetti, Garegnani e Franklin. Existem outras interpretações.

Dito isso, não entendi muito bem o seu ponto. O que vc quer dizer por “aumento nos lucros”? é a **massa**, a taxa ou a margem de lucro? Além disso, vc está pensando nessa discussão em **nível** ou em taxa de crescimento?

**Gabriel:** Estava pensando em aumentos na **massa** de lucros para uma economia em nível. Ficou mais claro que o paradoxo dos custos se mantém em nível para ambos.

Se estamos falando da economia em nível (determinação do nível de renda, modelo keynesiano simples, por exemplo), tanto para sraffiano como para kaleckianos vale o “paradoxo dos custos”: aumento do salário real (queda do mark-up) geral aumento do nível do produto. Note que se a prdonesão marginal a consumir dos trabalhadores for 1 e a dos capitalistas for zero, a massa e a taxa de lucros não se altera.

Em uma economia em crescimento, os kaleckianos dizem que existe também esse paradoxo dos custos. Nessa situação, o paradoxo dos custo ocorre quando um aumento do salário real gera aumento da taxa de crescimento da economia. Isso só ocorre nos modelos neo-kaleckianos por conta de uma característica específica da função investimento deles, que é dependente do grau de utilização. Se o investimento fosse plenamente exógeno, mudanças distributivas não afetariam a taxa de crescimento. Ou seja, não precisamos do super para negar o paradoxo dos custos.

## 2 Capítulo teórico

### 2.1 Modelos Neo-Kaleckianos

- ☒ No *Steady State* em que a taxa de crescimento do estoque de capital e taxa de crescimento do produto se igualam, qual a taxa de crescimento do grau de utilização da capacidade?
  - ☒ Se nula, este grau de utilização de longo prazo equivale ao normal?
  - ☒ Se não for nulo, a economia **não** estará no *Steady State* (Corrigido)
- ☒ Se esses modelos baseiam a distribuição funcional da renda à uma estrutura de mercado oligopolizada (*mark-up* não-nulo) então, no limite:
  - ☒ Em uma economia concorrencial, a participação dos lucros na renda é nula? O conflito distributivo é amenizado na medida em que estruturas de mercado não-concorrenciais são reguladas?
  - ☒ O argumento sempre recai sobre o poder de barganha ao longo das negociações entre os entes institucionais? Não há margem para o conflito distributivo ser internalizado na política econômica?
    - **Atenção:** Não confundir economia concorrencial com concorrência perfeita.
  - ☒ Modelo de Steindl (1979): Se, no curto prazo, a participação dos lucros na renda depende do grau de utilização, o que a determina no longo prazo?
  - ☒
- ☒ A taxa de crescimento da economia é determinado pelos gastos autônomos, seja o componente autônomo do investimento, sejam gastos que não criam capacidade produtiva. Desse modo:

$$g = g_I \tag{1}$$

- Ao normalizar o investimento pelo estoque de capital,  $(I/K)$ , obtém-se (por definição!) a taxa de crescimento do estoque de capital, logo, fazer:

$$\frac{I}{K} = g \tag{2}$$

- É incorrer em um erro contábil que implica dizer que a poupança é determinada pelo investimento via mudanças na capacidade produtiva sendo que só é verdade na presença de gastos autônomos que não criam capacidade.

## 2.2 Supermultiplicador

- ☒ Como a prova da estabilidade do modelo de Harrod implica na validade da Lei de Say no longo prazo?
- ☒  $\uparrow s \Rightarrow \uparrow g$ ? Isso é consequência da Lei de Say?
  - **Não**, e sim a prdoneção à gastar ser igual à 1.
- ☐ Como deduzir a Equação (16)  $z = \frac{h}{v}u$  a partir do crescimento do investimento?
  - Se for a taxa de crescimento do estoque de capital, a dedução é direta e o mesmo vale para  $g_I \rightarrow g_K$
  - Os autores queriam dizer a partir do crescimento do estoque de capital?
- ☐ Jacobiano para demonstrar estabilidade também é válida para tempo discreto?
  - ☐ **Checar:** O ferramental para tempo contínuo é aplicável ao tempo discreto, mas o inverso não é válido
- ☒ Como a hipótese de que o investimento é autônomo implicou na superação do problema da instabilidade de Harrod nos modelos heterodoxos?
- ☒ Como os gastos autônomos, ao crescerem à uma taxa exógena, garantem que a taxa de crescimento da capacidade produtiva reagirá mais do que a demanda?
  - **Gabriel:** Ficou mais claro.

## 2.3 Proposta de apresentação simplificada dos modelos de crescimento

Seja  $u$  o grau de utilização definido como:

$$u = \frac{Y}{Y^*} \quad (3)$$

em que  $Y$  é o produto e  $Y^*$  o produto potencial utilizado como *proxy* para a capacidade produtiva. Enquanto  $v$  é a relação técnica capital produto definida por:

$$v = \frac{K}{Y^*} \quad (4)$$

A equação 3 pode ser reescrita como:

$$Y = uY^* \quad (5)$$

Tomando a diferença:

$$\Delta Y = \Delta u Y^* + u \Delta Y^* \quad (6)$$

Dividindo pelo produto:

$$g_Y = g_u + g_{Y^*} \quad (7)$$

Com a equação acima, pretende-se apresentar um denominador comum às teorias de crescimento heterodoxas em que:

- **Cambridge:** economia opera no pleno-emprego (Kaldor (1957)) ou grau de utilização converge ao normal (Robinson (1962)). Além disso, o sistema econômico não é restringido pelo lado da demanda, mas sim pela oferta. Assim

$$g_Y \stackrel{\leftarrow}{=} g_{Y^*} \quad (8)$$

- **Neo-Kaleckiano:** Economia não opera no pleno-emprego e, nos modelos convencionais, grau de utilização não converge ao normal e acomoda as mudanças no nível de atividade dada mudanças residuais na capacidade produtiva:

$$g_u \stackrel{\leftarrow}{=} g_Y - g_{Y^*} \quad (9)$$

- **Supermultiplicador Sraffiano:** Grau de utilização converge ao normal no longo prazo e capacidade produtiva se ajusta à demanda efetiva dada a existência de gastos autônomos não criadores de capacidade:

$$g_{Y^*} \stackrel{\leftarrow}{=} g_Y \quad (10)$$

**Dúvida:** Alguma passagem incorreta?

**Dúvida:**  $v$  precisa ser definido em termos do estoque de capital com defasagem?

**Dúvida:** É correto afirmar que nos modelos de crescimento neo-Kaleckianos a capacidade produtiva tem uma dinâmica residual?

- **Gabriel:** Vou pensar em como reformular. De todo modo, percebi que estava errado.

### 3 Capítulo Fatos Estilizados

### 4 Capítulo Modelo

- ☐ Como incorporar investimento residencial no balanço das famílias? Semelhante à conta capital das firmas?
- ☐ Robinson (1962) não trata de investimento residencial por se tratar de uma concomitância entre poupança e gasto, como tratar investimento residencial? O que seria essa concomitância (*border-line*)?
- Em Serrano et al (2015) em que são apresentadas as condições de estabilidade estática e dinâmica do modelo, os autores afirma que se próximo de  $u = u_n$  a prdonesão marginal à gastar superar a unidade, a economia apresentará uma trajetória cíclica com limites superiores e inferiores. Esta pode ser uma forma de incluir não-linearidade ao modelo para simular o ciclo econômico. Ao longo da investigação dos fatos estilizados, pesquisarei se existem evidências para incorporar a não linearidade dessa forma, caso contrário, por ser uma postura *ad hoc*, não irei adotá-la.

– **Gabriel** Lerei Hicks (1950)